

## “LEITURA MUSICAL NA PONTA DOS DEDOS:PRÁTICAS E DESAFIOS DA EDUCAÇÃO MUSICAL INCLUSIVA.”

Fabiana Fator Gouvêa Bonilha .Instituto de Artes / Unicamp.  
[bonilha@iar.unicamp.br](mailto:bonilha@iar.unicamp.br)

Claudiney Rodrigues Carrasco. Instituto de Artes / Unicamp  
[carrasco@iar.unicamp.br](mailto:carrasco@iar.unicamp.br)

Apoio Fapesp

Palavras-chave: deficiência visual ; musicografia Braille ; educação musical

Essa comunicação visa problematizar aspectos referentes ao ensino da leitura e escrita musical em Braille. Parte-se do pressuposto de que o acesso à notação musical é um fator essencial para a inclusão de pessoas com deficiência visual no campo da Música. Mediante a utilização de uma abordagem qualitativa, baseada no método do Discurso do Sujeito Coletivo proposto por Lefèvre (2003) buscou-se apreender a percepção de estudantes de Música com deficiência visual e de seus respectivos professores acerca das condições atuais do ensino da Musicografia Braille. A partir desse estudo, concluiu-se que alunos e professores reconhecem a importância do aprendizado da notação musical por parte das pessoas cegas, mas apontam para uma escassez de meios e recursos que facilitem o acesso a esse código.

## **Introdução**

A Musicografia Braille consiste no sistema de leitura e escrita musical convencionalmente adotado por pessoas com deficiência visual.

são representados pelo conjunto de 63 caracteres que formam o Sistema Braille. Os fundamentos da Musicografia Braille foram concebidos pelo próprio Louis Braille, criador desse sistema de escrita para cegos.

Não obstante o fato de Louis Braille ter consolidado as bases dessa notação musical, foram posteriormente realizadas diversas convenções e acordos entre diferentes países, no sentido de se aprimorar e de se adaptar esse código às especificidades de diferentes formas de representação musical.

As resoluções mais recentes acerca desse código encontram-se no “Novo Manual Internacional de Musicografia Braille”, (1997).

Conforme aponta Silva(2003):

“Esta obra, de largo alcance para uso dos cegos de todo o mundo, é o resultado de vários anos de estudo por parte do Subcomitê sobre Musicografia Braille da União Mundial de Cegos e é a continuação do conjunto de manuais publicados após as conferências de Colônia (1888) e Paris (1929 e 1954), contendo ainda as resoluções e decisões tomadas pelo referido Subcomitê nas conferências e acordos celebrados entre 1982 e 1994”.

Nota-se, entretanto, que esse manual não constitui um material de caráter essencialmente didático, através do qual alunos e professores possam assimilar os fundamentos da Musicografia Braille.

Geralmente, os professores de Música são formados para lecionarem aos alunos que aprendem a ler em tinta, e por isso, a metodologia de trabalho por eles adotada se baseia nas especificidades desse código. Os livros didático-musicais são também estruturados de acordo com as características peculiares da escrita musical utilizada por quem vê.

Ao lecionar a um aluno com deficiência visual, o professor necessita compreender os mecanismos do código em Braille, ainda que ele não precise ter fluência na leitura dessa notação.

Faz-se necessário que ele conheça o modo como o aluno assimila a partitura, a fim de que sejam trabalhadas as demandas requeridas na aquisição da proficiência em Musicografia Braille.

O professor deve estar ciente das diferenças que existem entre esse código e a notação em tinta. Tais diferenças se referem sobretudo à configuração linear do sistema Braille. Isso implica que nesse sistema, não sejam utilizadas pautas e claves, de modo que a altura das notas é representada por sinais de oitava, e os valores rítmicos são grafados por meio de caracteres específicos, associados a cada altura.

Ao propor o estudo de uma peça, é importante que o professor saiba a dimensão da tarefa que o aluno realizará ao lê-la em Braille.

É importante considerar que Uma partitura em tinta consiste realmente em uma representação espacial da peça. Se há, por exemplo, uma escala ascendente, esse movimento aparece concretamente na pauta. Muitos aspectos da partitura se mostram

visualmente claros para seu leitor, tais como: A classificação da peça como monofônica, polifônica ou homofônica, a densidade do trecho musical, a correspondência entre as vozes, a simultaneidade das notas, os desenhos e padrões rítmicos mais recorrentes. O mesmo não ocorre em uma partitura transcrita para o Braille. Em tal notação, essas características da peça são inferidas após um processo de abstração, necessariamente realizado pelo leitor. Levitin (2000), ao considerar aspectos sobre a formação da “mente musical” aponta que uma das habilidades fundamentais ao seu desenvolvimento é a de “captar a estrutura interna da música, análoga à maneira como os grandes enxadristas têm uma compreensão estrutural profunda das jogadas de xadrez e das inter-relações das peças no tabuleiro”. Para quem lê música por meio do sistema braille, essa compreensão estrutural é indispensável, tendo em vista o nível de abstração requerido ao longo da leitura.

Deve-se considerar que a alfabetização musical é um fator imprescindível para a inclusão de pessoas cegas no campo da Música. Aos alunos, deve ser garantido o direito ao aprendizado desse código, bem como o direito de acesso a material didático-musical transscrito para o Braille.

Faz-se necessário, desse modo, que as pessoas com deficiência visual tenham garantido o acesso a uma formação musical qualificada, que lhes permita desenvolver suas potencialidades. Para tanto, conforme defende Smaligo (1998) torna-se imprescindível que seja oferecida a essa população a possibilidade de acesso ao sistema de leitura e escrita musical criado especificamente para seu uso.

Porém, observa-se uma escassez de meios e recursos que viabilizem a concretização desse princípio, uma vez que poucas entidades se dedicam ao ensino e à difusão da Musicografia Braille.

Na perspectiva da inclusão das pessoas com deficiência visual ao ensino de Música regular, o ensino desse código deve ser oferecido sob a forma de um “atendimento educacional especializado”, definido por Mantoan(2003) como uma modalidade de atendimento que apóia e subsidia o ensino regular.

## **Objetivos**

Esta pesquisa tem por objetivo problematizar o ensino da Musicografia Braille, como um elemento facilitador da Inclusão de pessoas com deficiência visual ao campo da Música.

O presente estudo também possui os seguintes objetivos específicos:

-Abordar a existência de espaços de formação através dos quais a Musicografia seja difundida e estudada;

-Aprofundar a investigação acerca dos procedimentos e recursos existentes para a produção de partituras em Braille, as quais, por sua vez, consistem em um material que subsidiam a formação musical das pessoas com deficiência visual;

-Producir um conhecimento consistente e aprofundado sobre o acesso a Musicografia Braille, mediante a produção de um material que sirva de apoio ao processo de formação musical das pessoas com deficiência visual.

## **Metodologia**

Esse estudo possui um enfoque qualitativo, pois através dele, buscou-se compreender as percepções de alunos e professores acerca do aprendizado da Musicografia Braille.

No intuito de se construir um panorama do ensino e difusão da Musicografia Braille no Brasil, foram realizadas entrevistas semi-estruturadas com educadores musicais e estudantes com deficiência visual. Também foram aplicados questionários contendo perguntas abertas, visando complementar os dados das entrevistas, e coletar depoimentos e relatos de experiências..

Tais entrevistas foram analisadas segundo o método do “discurso do sujeito coletivo”, proposto por Lefèvre (2003), através do qual é possível apreender o pensamento comum aos sujeitos abordados. Nesse sentido, foram extraídas, de cada depoimento, idéias centrais, as quais, encadeadas, constituíram um discurso comum aos sujeitos, de acordo com cada temática por eles abordada.

Foram encontradas algumas categorias de análise, a partir das quais pôde-se inferir os níveis de contato que os professores e alunos estabelecem com a Musicografia Braille.

Desse modo, os dados coletados por meio desses depoimentos, foram divididos nas seguintes categorias:

### **Tema 1-Música e identidade**

Subtemas:

- A) Relações entre a Música e desenvolvimento pessoal;
- B) Relações entre música e deficiência visual.

### **Tema 2: Leitura e escrita musical**

Subtemas:

- A) Acesso ao aprendizado da Musicografia Braille;
- B) Uso de códigos não convencionais;
- C) Concepções e crenças sobre a notação musical em Braille;
- D) Avaliação da produção de material didático sobre o código musical em Braille;
- E) Produção de materiais didático-musicais para pessoas com deficiência visual.

### **Tema 3: Aprendizado musical**

Subtemas:

- A) Acesso ao conhecimento musical consistente
- B) Alternativas de acesso às partituras

Paralelamente à coleta de dados junto a alunos e professores, foi realizada uma investigação acerca das ferramentas tecnológicas existentes para a transcrição de partituras em Braille. Dessa busca, resultou a criação de um acervo de obras musicais transcritas para esse sistema. Essa fase do trabalho contou com o apoio do Laboratório de Acessibilidade da Unicamp, e com a participação de bolsistas do SAE (serviço de apoio ao estudante) da mesma universidade. Esse acervo se constitui prioritariamente por peças brasileiras. O objetivo de sua implantação se centrou sobretudo na formulação de procedimentos que otimizassem a produção de partituras, buscando-se as ferramentas tecnológicas mais adequadas a esse fim.

## **Discussão e Resultados**

Verificou-se que existe uma falta de informação acerca da Musicografia Braille. Há professores que desconhecem a existência dessa notação e, por isso, adotam maneiras “improvisadas” para o ensino da leitura musical, o que torna seus alunos restritos a essas adaptações. Há também aqueles educadores musicais que sabem da existência desse método de escrita, mas desconhecem os caminhos de acesso a ele, os quais, aliás, são estreitos, visto a escassez de materiais didáticos e de cursos através dos quais ele seja divulgado.

De fato, considerando-se sobretudo a realidade brasileira, o acesso à notação musical em Braille, dentro das condições atuais, exige um grande empenho tanto por parte dos professores de música, quanto por parte de seus alunos com deficiência visual. Os professores necessitam despender grande quantidade de tempo e dedicação para buscarem recursos adequados e para compreenderem os mecanismos de leitura e escrita em Braille, e os alunos, por sua vez, precisam se dispor a assimilarem esses mecanismos de um modo quase autodidata, através dos poucos métodos existentes para esse fim. Através da coleta e da análise desses relatos, foi possível o contato com uma variedade de experiências pessoais e profissionais, que revelaram a existência de diferentes formas de relações estabelecidas pelos sujeitos com a notação musical em Braille. Ainda que os entrevistados considerem que o aprendizado desse código seja fundamental, a maioria deles enfrentou uma grande dificuldade para ter acesso a esse ensino. Embora todos tenham se deparado com obstáculos da mesma natureza, cada sujeito desenvolveu suas próprias estratégias de enfrentamento. Nesse sentido, é importante que a riqueza dessa diversidade seja contemplada nas discussões acerca do ensino da notação musical em Braille. Não existe uma única ou uma exclusiva forma de acesso a esse código, assim como não há uma maneira mais correta para se aprendê-lo. Ao se enfocar os métodos de ensino dessa notação, deve-se levar em conta as particularidades de cada aluno, e deve-se assegurar a ele o direito de ser protagonista do seu próprio aprendizado. Mediante os relatos dos sujeitos, notou-se o reconhecimento por parte deles acerca da importância da Musicografia Braille. A escassez de formas de contato com essa notação levam os sujeitos acreditarem que a Musicografia Braille é um código de grande complexidade e de difícil assimilação.

Não se pode negar a complexidade do código. Entretanto, essa crença advém, como já dito, da falta de recursos que subsidiam seu aprendizado.

Ao se abordar o contexto que permeia o ensino da Musicografia Braille, podem ser destacados alguns personagens.

Constata-se, primeiramente, a presença do educador musical. Fala-se, aqui, de um professor de Música “genérico”, e não de uma pessoa especializada em lecionar para os cegos. Está-se falando daqueles que comumente saem de conservatórios e universidades de Música, rumo à docência.

É fato que, grande parte desses educadores musicais, ao se depararem com um aluno cego, desconhecem os meios pelos quais esse estudante possa se apropriar da leitura e escrita musical. A busca de informações sobre o ensino da Musicografia Braille, por parte do professor, é imprescindível, e, sem dúvida, trata-se de uma tarefa árdua, visto que atualmente (e sobretudo no Brasil), há uma grande escassez de profissionais e instituições que difundem esse sistema de escrita.

Apesar dessa dificuldade, o professor precisa ser consciente de seu papel junto a seu aluno com deficiência visual. Antes de tudo, ele é um educador musical, assim

como o é para seus demais alunos. Sua responsabilidade é a de prover as condições para que o estudante que lhe foi confiado venha a ter uma formação musical consistente. Logo, ainda que o professor desconheça o código musical em Braille, ele tem o papel de ensinar os fundamentos da Música, com base em sua formação profissional. Ele pode ensinar a técnica de um instrumento, bem como os conceitos relativos à Teoria Musical, à Harmonia, à História da Música, a aspectos estilísticos das obras, etc. Esses conhecimentos de que o professor dispõe subsidiarão o aprendizado da Musicografia Braille por parte de seu aluno.

Pode-se supor que o professor de Música não precise saber ler e escrever partituras em Braille para lecionar a um aluno cego. Mas ele necessita, certamente, entender os mecanismos desse sistema de grafia, para compreender os desafios a serem enfrentados pelo estudante.

Dentre os “personagens” envolvidos nesse processo de ensino, , pode-se também pensar na figura do “especialista”: aquele que realmente sabe ler e escrever Música em Braille e que tem uma ampla vivência acerca da aplicação desse código em diversos contextos musicais. Trata-se de um estudioso no campo da Musicografia Braille. Ele tem o papel de apoiar as atividades pedagógicas realizadas por professores e alunos em uma escola regular. Ele talvez atue como uma espécie de “consultor”, ou como alguém que conheça em profundidade as convenções da leitura e escrita, as atualizações do código e as várias formas de representação musicais possíveis , de acordo com as especificidades do Sistema Braille.

Por fim, destaca-se a figura do próprio aluno, como alguém que se faz protagonista de seu aprendizado, ao buscar uma formação musical consistente e ao se engajar no processo de alfabetização musical.

É importante salientar que, embora esse estudo aborde especificamente o ensino da Musicografia Braille, ele pode trazer contribuições ao campo da Educação Musical, de maneira geral. Isso ocorre pois as questões levantadas nesse trabalho suscitam reflexões acerca do ensino de Música, ou das diversas formas pelas quais os indivíduos se apropriam do conhecimento musical.

## Referências

BONILHA, F.F.G. *Leitura musical na ponta dos dedos: caminhos e desafios do ensino de musicografia Braille na perspectiva de alunos e professores*. 2006. 226 f. Dissertação (Mestrado em Música) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

LEFEVRE, F; LEFEVRE, A.M.C., TEIXEIRA, J.J.V. O discurso do sujeito coletivo: uma nova opção em pesquisa qualitativa (Desdobramentos). Caxias do Sul, EDUCS, 2003.

LEVITIN, D.J. Em busca da mente musical. In: ILARI, B.S. (org.) *Em busca da mente musical : ensaios sobre os processos cognitivos em música : da percepção à produção*. Curitiba : Ed. da UFPR, 2006. p.23-44.

MANTOAN, M. T. E. *Inclusão escolar – o que é? Por quê? Como fazer?* São Paulo: Moderna, 2003.

SILVA, J.F. O braille e a musicografia: origens, evolução e actualidade. Disponível em:  
<http://www.lerparaver.com/node/208>

Acesso em: 13 jun. 2007.

SMALIGO, M. A. Resources for helping blind music students. **Music Educators Journal**, v. 85, n.2, p 23-45. 1998.

UNIÃO MUNDIAL DOS CEGOS. Subcomitê de Musicografia Braille. *Novo manual internacional de musicografia braille*. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2004. 310p.